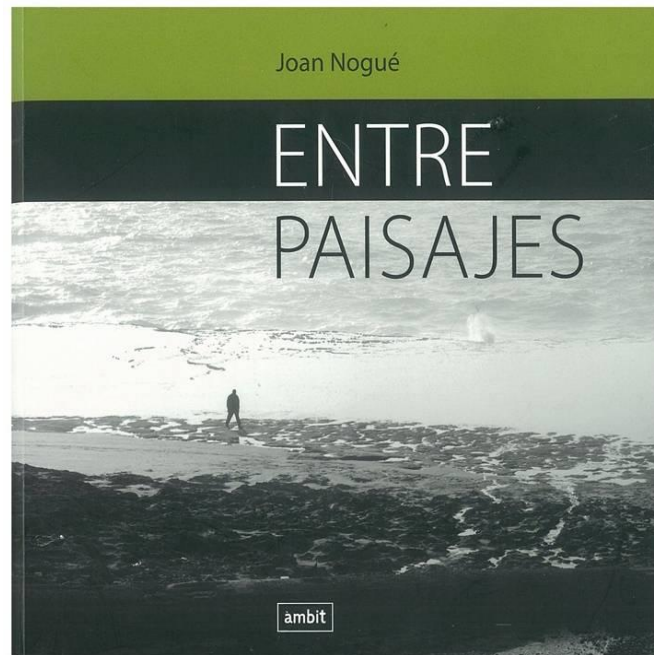




RESENHA¹

NOGUÉ, Joan Font. *Entre paisajes*. Barcelona: Àmbit, 2009, 285 p.



Avacir Gomes dos Santos

Doutoranda do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em
Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais / UFG
Av. Barão de Melgaço, 3340, Bairro Planalto
Rolim de Moura - Rondônia (RO) cep: 76.940-000
E-mail: avagsantos@yahoo.com.br

O livro “Entre Paisagens”, do Catedrático em Geografia Humana da Universidade de Girona (Espanha) e diretor do Observatório da Paisagem de Cataluña, professor Joan Nogué é uma leitura indispensável para os pesquisadores da geografia cultural, do turismo, da geografia humana, do desenvolvimento urbano e demais estudiosos que buscam compreender, para além do visível, e se lançam a desvendar os significantes, as simbologias, os imaginários e tudo que é invisível na paisagem.

“Entre Paisagens” representa a culminância de uma temática perseguida pelo autor em momentos anteriores, como em “La construcción social del paisaje” (2007) e, “El paisaje em la cultura contemporânea” (2008). Estas obras organizadas por Nogué reúnem artigos apresentados no Seminário Internacional sobre Paisagem del Consorcio



Universidad Internacional Menéndez Pelayo de Barcelona, realizados em 2003, 2004, 2005 em Girona, com o objetivo de pensar a paisagem por meio de uma perspectiva inovadora, aberta e interdisciplinar.

O livro está organizado em 40 textos, incluindo o prólogo espanhol e francês elaborado por Daniela Calafranceschi, Catedrática de Arquitetura da Paisagem. Os textos podem ser lidos separadamente. Nogué escreve sobre teoria da paisagem por meio da abordagem fenomenológica, que procurar valorar outros sentidos para além da percepção. Segundo o autor: “hemos relacionado históricamente el paisagem geográfico com el sentido de la vista, pero el oído, el olfato o el tacto pueden llegar a ser tanto o más potentes y sugerentes que el proprio sentido de la vista a la hora de vivir o de imaginar un paisaje” (2009, 167).

“Entre Paisagens” inicialmente pode remeter a ideia de uma obra descritiva sobre diversas paisagens. Ledo engano. Não é isso que encontramos na escrita de Nogué, mas sim um tratado sobre a forma como a concepção de paisagem foi construída pelo pensamento geográfico, amiúde parcial. O autor supera esta fórmula ao apresentar a paisagem, que “es, por una parte, el espejo del alma en el territorio, el objeto de una percepción y vivencia subjetivas; y, por otra, un producto social, esto es, la proyección cultural de una sociedad en espacio determinado” (p. 98).

A paisagem está configurada nesta obra como método, tema e conceito. É um tratado completo, retrata a busca incessante do autor para desconstrução da descrição geográfica de base empírica cartesiana, que privilegiou a visão em detrimento dos demais sentidos para análise da paisagem. De acordo com Nogue: “esta hegemônica visión del mundo que privilegia la vista sobre el resto de sentidos, lo duradero sobre lo nómada [...] puede tener serias dificultades para “descubrir” nos nuevos límites territoriales definidos por la incertidumbre y la fragmentación en un espacio fluctuante y de un permanente transitar entre configuraciones espacio-temporales diferentes” (p. 107). Neste sentido, cabe a geografia a busca da compreensão de como as sociedades contemporâneas (re)descobrem e (re)inventam os lugares e as paisagens.

O tema paisagem é utilizado como cenário para as discussões sobre a construção do saber geográfico, que segundo Nogué implica: “a esperança da geografia contribuir

¹ Atividade realizada durante o desenvolvimento do Estágio de Doutorado no Exterior, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago de Compostela (USC), financiado pela CAPES, por meio do Programa Estágio Doutorando – Balcão, Processo: 572709/0.

para melhorar o mundo” (p. 28). O mundo se tornar melhor com a presença do ser humano, este ao caminhar se apropria das paisagens, dos lugares e dos espaços. O ato de viajar, passear e caminhar por entre as paisagens são teorizados como inerentes a condição humana. Assim, para Nogué: “en el camino y actuando como paseantes donde mejor podemos reconocer aquello que nos hace humanos” (p.41).

As fontes e procedimentos de análises do estudo da paisagem formam o amalgama da geografia cultural nas mãos de Nogue, que trata das clássicas fotografias, mas também recorrer a outros instrumentos de análise como os álbuns “As aventuras de Tintín” (Hergé); a literatura, “Os devaneios do caminhante solitário” (Rousseau); ao cinema, “O perfume” (Suskind); as artes plásticas, “O interior geográfico” (Vermeer); a poesia, “Os quatros quartetos (Eliot); as fabulas, “A ilha dos cinco faróis (Ramon-Cortés). Mais que indicações literárias, o autor ensina uma imprescindível lição para os iniciantes geógrafos, sem “capital cultural”, sem literatura, filosofia e poesia é difícil ler o que está escondido na paisagem. Esta é uma ideia recorrente na obra “não existe território sem discurso e muito menos paisagem sem imaginário”.

O Farol de San Juan de Salvamento, ao sul da Argentina; A Torre de Hércules, em La Coruña; a Biblioteca de Estocolmo; Los Baños Árabes de Girona, A Tossa del Mar, em Cataluña; o estreito de Messina, em Reggio Calábria; são algumas das paisagens que são utilizadas pelo autor para apresentar e analisar novos conceitos, como: as paisagens sonoras, paisagens desodorantes, paisagens do silêncio, paisagens dos invisíveis, paisagens noturnas, paisagens do meio e do limite, paisagens em movimento, paisagens d’água, paisagens do ócio, paisagens do gelo, paisagens híbridas, paisagens do vento, paisagens da destruição, paisagens de ruínas, paisagens de restos e paisagens líquidas. Enfim, estas e tantas outras paisagens que ainda estão à espera de compreensão geográfica, como afirma Nogué: “definitivamente, las geografías de la invisibilidad y las cartografías de la contidianidad están aún por describir” (p. 237).

O lugar é o conceito de destaque da obra de Nogué. Por meio da abordagem fenomenológica o autor realiza as interpretações da paisagem vistas como lugares de emoções e percepções múltiplas. O conceito de lugar vem agregado às discussões sobre o local e o global, este analisado, no geral, apresentado em detrimento dos lugares. Ao contrário, “Entre paisagens”, o lugar ganha relevância pois, segundo Nogué: “es sorprendente, pero lo cierto es que, en vez de disminuir el papel de los lugares, la



internacionalización y la integración mundial (lo que habitualmente entendemos por globalización) han aumentado su peso específico” (p. 80).

O conceito de paisagem agencia o conceito de lugar e este por sua vez agrega o conceito de espaço. O lugar tem por base o espaço. A paisagem se sustenta no lugar. Paisagem, lugar e espaço constituem a tríade da compreensão da obra “Entre Paisagens”, que analisa as paisagens e os lugares não apenas como espaços de contemplação, para, além disso, estes conceitos culturalmente retratam as noções de estética, as contradições, os horrores, os medos, os sonhos, as exclusões, as inclusões e os ideais de uma dada sociedade, pois “el espacio geográfico es, en esencia, un espacio existencial y, en él, los lugares son porciones del mismo imbuidas de significados, de emociones, de sentimientos.” (p. 85).

Uma das discussões subjacentes na obra diz respeito à ordenação e gestão territorial, crescimento urbano, envelhecimento e decrescimento populacional, a imigração, a globalização, as políticas locais e os determinantes globais. Com a unificação da Europa, as paisagens passam a ser a moeda de negociação nas agendas dos governos. Os países se voltam à implantação de projetos e programas de revitalização de antigas e a construção de novas paisagens. Para a compreensão das questões políticas envolvidas nas paisagens Nogué (2009, 270) propõe:

Es posible transformar un paisaje sin destruirlo, pero, para ello, es imprescindible una nueva cultura del paisaje, en el marco (como non podía ser de otra manera) de una nueva concepción de la ordenación del territorio basada en la gestión prudente y sostenible de los recursos naturales, en un tratamiento nuevo e imaginativo del suelo no urbanizable y del paisaje en su conjunto y en una forma de gobierno y de gestión del territorio basada en el diálogo y la concertación social.

Uma nova cultura da paisagem, que tenha por base o diálogo entre os autores sociais, implica uma opção política comprometida socialmente com a gestão do território e a constatação de uma concepção obvia mais que muitos ainda não despertaram para tanto. O título da obra de Nogué instiga exatamente esta questão crucial, o que está *Entre Paisagens*? Qual elemento interliga, por exemplo, a micropaisagem: a paisagem da casa, do lar, o mais subjetivos dos lugares, espaço da manifestação plena do ser humano e as paisagens simbólicas: os bosques, as montanhas, as selvas e florestas, donde saíram Che, o Vietcong e o Comandante Marcos?

O olhar humano, a percepção visual e a presença humana fazem a interligação entre as paisagens. Este espaço *E N T R E*, é a tentativa do ser humano de separar o indivisível, de estabelecer e limitar os espaços. Não existe paisagens: “sin un espectador, sin un observador que lo contemple desde un determinado punto de vista, situado, en general, en un emplazamiento estratégico que disfruta de una perspectiva privilegiada” (NOGUÉ; 2002, 197).

Outro elemento que merece destaque na obra “Entre Paisagens” é o belíssimo trabalho de Maria Rosa Russo, fotógrafa, arquiteta paisagista e pesquisadora da Universidad Mediterrânea de Reggio Calábria (Itália). As fotografias e os textos compõem uma obra escrita a quatro mãos. As fotografias de Russo superam a forma tradicional de classificação das paisagens entre naturais e construídas. Elas representam o amálgama entre o mundo dos vivos e dos mortos, fechado e aberto; perto, longe e meio; permanência e movimento; claro escuro; dia e noite; espaços de trabalho e entretenimento, luz e escuridão; mar, céu e terra. Encontramos também no livro as fotografias que foram paisagens triádicas: retratam pessoas a olhar as paisagens; a paisagem em primeiro plano, em segundo as pessoas e em terceiro, a objetiva que capta e imortaliza o tempo e o espaço.

As paisagens fotografadas são plenas de simbologias e significados. A título de exemplo citamos duas delas. A primeira fotografia é o close do rosto de uma mulher envolto em um véu. Tema polêmico na Europa, o uso do véu nos espaços públicos. Subjacentes ao uso do véu pelas muçulmanas estão às questões das migrações, da convivência e o respeito das diferenças culturais e religiosas. Na fotografia a mulher expressa um sorriso quase imperceptível, que nos faz lembrar a “Monalisa”. A mulher, a Monalisa, a outra, a paisagem formam o conjunto enigmático a ser desvendado. A última fotografia, de pessoas numa praça é tirada do interior de uma gruta, através de uma fenda que parece um grande olho. A fotografia remete a idéia do poder panótico, o grande olho que tudo vê. A percepção é o elemento chave para a compreensão das paisagens, a partir da abordagem fenomenológica, que ao olhar as paisagens produz formas de conceber os espaços e o mundo.

As fotografias e a escrita do autor nos transportam as várias outras paisagens. Nogué lê as paisagens com simbolismo, arte, poesia e imaginação. A sua escrita vai sendo construída como se fosse um grande tapete. Como Penélope, o autor vai tecendo



os fios de sua narrativa, amarrar várias ideias, desamarrar outras, adiciona um conceito, desata conceitos cristalizados, entrelaça as paisagens e neste jogo de (des)(re)construção teórica proporciona ao leitor a compreensão da paisagem não como um quadro a ser contemplado, mas como uma construção subjetiva e social que permite as pessoas enxergar uma paisagem e tornar outra ou a mesma totalmente invisível. Depois da leitura desta obra, o ato de mirar a paisagem ganha outros significados.

Recebido para publicação em julho de 2010

Aprovado para publicação em agosto de 2010